

**A CULTURA DE CONVERSA ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DE BARCOS NO
ESTALEIRO MONTEIRO: UM OLHAR ALÉM DA EDUCAÇÃO PRESENTE NAS
INSTITUIÇÕES DE ENSINO**

Isabela dos Santos Monteiro¹

RESUMO

O presente artigo apresenta a pesquisa finalizada sobre as diferentes formas de educação presentes, especialmente o etnoconhecimento observado nas relações no estaleiro Monteiro, em Abaetetuba-PA, durante o ano de 2024. A pesquisa tem como objetivo analisar os saberes tradicionais e como eles são aprendidos e repassados através de gerações, com aspectos metodológicos pautados em pesquisa de campo no estaleiro e, principalmente, de entrevistas semiestruturadas – baseadas no referencial teórico da pesquisa – com três carpinteiros navais. Além disso, a pesquisa é de natureza qualitativa, o qual os resultados finais indicam como tem-se inovações e adaptações quando esse conhecimento é aprendido/partilhado.

Palavras-Chave: Carpintaria Naval. Educação. Estaleiro. Saberes Tradicionais.

INTRODUÇÃO

A educação é uma área complexa que não se restringe àquela presente nas escolas de forma institucionalizada e formalizada, contendo regras – rígidas, de certa forma – e saberes de cunho científico. Contudo, tem-se diferentes formas de estabelecer a relação de ensino-aprendizagem com, consequentemente, diferentes alunos, a depender da comunidade e cultura social em que o indivíduo está inserido, o qual tem suas adaptações de acordo com o contexto. A educação presente no estaleiro² Monteiro é o que Marcos Luiz Miranda (2007, p. 2) denomina como *etnoconhecimento* – saberes que são transmitidos de geração em geração por populações tradicionais, como povos indígenas e ribeirinhos, que não tem cunho científico – pelos carpinteiros navais repassar seus conhecimentos sem, necessariamente, serem professores ou terem feito especialização ou similares para exercer e ensinar esse ofício.

Neste artigo, pretendo desenvolver sobre as diferentes educações, especialmente àquela presente no estaleiro Monteiro, destacando sobre a *cultura de conversa* presente naquele espaço, o qual se observará as formas que os carpinteiros ali presentes aprendem e repassam

¹ Graduanda do 8º semestre em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atualmente, atuo como monitora pelo edital 053/2023 proposto pela UEPA, especificamente das disciplinas Trabalho de Conclusão de Curso I e História do Brasil IV. Além disso, sou integrante da coordenação do Grupo de Estudos de História Indígena e Indigenismo na Amazônia, bem como atuo como professora do corpo docente de história do Cursinho Alternativo, cursinho popular que tem aulas aos fins de semana, direcionados aos vestibulandos de baixa renda.

² Local responsável pela construção/reparação de embarcações. Nesse caso, de cunho artesanal.

seus conhecimentos às futuras gerações – essencialmente por conversas de cunho informal – enfatizando como nenhum deles fez algum tipo de curso de engenharia naval, visto que eles aprendem com seus familiares/amigos, essencialmente, de forma oral e por intermédio da memória. Assim, esse conhecimento denominado como tradicional faz refletir diferentes questões: De que forma esses saberes são repassados através das gerações? Como se estabelece a educação no estaleiro em questão? Como funcionam as relações de trabalho no local?

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Para discutir essas questões, utilizam-se autores como Antônio Jorge Gualberto (2009), Francisco da Silva e Paulo Lopes (2022), José Antônio Nonato *et al* (2021) e Peter Németh (2011), visto que abordam sobre os saberes tradicionais necessários para a construção de embarcações, mesmo que estes sejam analisados em diferentes lócus. Dessa forma, os autores desenvolvem sobre a importância do etnoconhecimento referente aos barcos, pois esses conhecimentos são repassados de geração em geração pelos carpinteiros navais. Impreterivelmente, o artigo será apoiado na tese de Ivanilde Oliveira (2007), a qual discorre sobre o etnoconhecimento, especialmente em como a relação de ensino-aprendizagem é pautada no que ela chama de *Cultura de conversa*. Ainda com base no etnoconhecimento, será utilizado o artigo de Marcos Luiz Miranda (2007), que desenvolve sobre os saberes tradicionais – conhecimentos sem cunho científico, aprendidos no cotidiano dos indivíduos.

Para desenvolver sobre as múltiplas educações, serão utilizados as teses de Carlos Brandão (1986; 2007), cujo aborda em seus estudos sobre como a educação não se restringe aos espaços institucionalizados, visto que a educação está presente em diferentes espaços e comunidades, cuja tem suas singularidades com base na cultura e sociedade. Assim, será analisada a educação intitulada como informal presente no estaleiro em questão, em que não se estabelece uma hierarquia rígida como aquelas presentes nas escolas, uma vez que ela tem suas próprias normas, baseadas no que foi ensinado pelos carpinteiros mais antigos daquele local. Outrossim, serão utilizadas as teses de Isabel Lucena (2004) e Luciane Salorte (2007), em que ambas abordam sobre o etnoconhecimento presente nos estaleiros, o qual os carpinteiros navais partilham saberes matemáticos e físicos, por exemplo, que são necessários para a construção das embarcações, pois eles não fizeram um curso ou especialização específica de engenharia naval ou similares.

Além disso, também serão utilizados autores como Lucília Delgado (2003) e Paul Thompson (1992), justamente por abordarem sobre a importância da história oral como fonte para se estudar determinado assunto. Nesse caso, a história oral foi indispensável para a pesquisa, visto que – além dos ensinamentos necessários para a construção de embarcações serem feitos, essencialmente, de maneira oral – pude entender toda essa dinâmica a partir das entrevistas com os interlocutores, os quais os chamo de uma fonte viva, pois contam suas vivências com teor de subjetividade e emoções em meio a esse processo de construção.

A pesquisa foi desenvolvida no Estaleiro Monteiro, localizado na cidade de Abaetetuba-PA, durante o ano de 2024, com diferentes interlocutores, especialmente familiares desta pesquisadora. Os principais interlocutores são Isaac Pinheiro e Nilton Monteiro – meu pai e avô, respectivamente –, bem como Jesus Silva (Seu Mota), considerado pelo próprio Isaac como o melhor carpinteiro naval daquele local. Para isso, foram realizadas entrevistas com os interlocutores, com perguntas que instigasse a sua memória e eles pudessem desenvolver como eles aprenderam a construir embarcações e, consequentemente, como repassam esses conhecimentos às futuras gerações. Além disso, foram realizadas visitas constantes no estaleiro em questão, em que observei e registrei como eles trabalhavam, além das relações de trabalho ali presentes, todas marcadas pela informalidade.

A partir disso, observei como a educação presente no estaleiro é caracterizada por ser uma educação baseada em *conversas*, uma vez que todo aquele processo – relação de ensino-aprendizagem, negociação dos barcos e outros – são definidas, essencialmente, pela oralidade dos interlocutores. Assim, se destaca como o etnoconhecimento presente no lócus da pesquisa está em constante desenvolvimento e sendo partilhado por diferentes sujeitos, o qual se estabelece como uma educação que se difere da institucionalizada, presente em faculdade e escolas, por exemplo.

AS DIFERENTES FORMAS DE EDUCAÇÃO

A educação não se restringe àquela ensinada somente nas instituições, uma vez que ela está presente em diferentes sociedades e contextos, como, por exemplo, etnias e famílias. Assim, Carlos Brandão (2007) ressalta que a educação existe em todo lugar, o qual nas comunidades tradicionais, há quem ensine e há quem aprenda sobre os preceitos que as regem, o que corrobora para que os indivíduos aprendam as crenças, tradições e os costumes culturais.

O autor também discorre sobre as concepções diferentes sobre a educação, o que mostra que sua ideia vai depender de uma série de fatores, desde sua classe social à sua sociedade.

Assim, Luciane Maria Salorte (2007, p. 41) desenvolve sobre a ideia do senso comum, cujo é depreciado quando comparado ao conhecimento científico, pois é um conhecimento tradicional da população, que não tem base ou comprovação científica, como é o caso dos saberes tradicionais que são observados no estaleiro Monteiro, em que os saberes se denominam como senso comum por serem repassados de maneira informal entre os trabalhadores. Nesse viés, a autora discorre que esse

tipo de pensamento se cola à vulgarização científica e, por conseguinte, provoca uma desigualdade no que diz respeito ao conhecimento empregado e reproduz a propensa diferença entre senso comum e conhecimento científico. Isso pode gerar um segregacionismo em relação ao saber técnico empregado pelos carpinteiros navais na confecção de barcos. Destarte, fica a impressão de que o procedimento utilizado pelos carpinteiros navais nada tem a ver com ciência (Salorte, 2007, p. 41).

A autora desenvolve sobre a ideia de ensinamentos denominados como *senso comum*, nesse caso, os saberes necessários para a construção de barcos, cujo se denominam como um modo de ensino-aprendizagem que não se restringe à educação formal, uma vez que, por exemplo, não há regras rígidas nesse espaço de ensino, o que Gualberto (2009) denomina como uma “escola sem muros”, em decorrência de ser um espaço a céu aberto, como mostra a imagem seguinte:

Imagen 1 – Estaleiro Monteiro a céu aberto



Fonte: Arquivo pessoal de Isabela Monteiro, 2024.

A imagem demonstra como apenas a parte onde ficam as máquinas mais pesadas, como a plaina maior,³ é coberta, o qual deixa todo o local a céu aberto. Nesse viés, Gualberto (2009, p. 48) desenvolve a ideia de como os estaleiros no geral, especificamente o Monteiro, são “escolas técnicas a céu aberto”, visto que os ensinamentos aprendidos e repassados são realizados, exclusivamente, por intermédio do que Ivanilde Oliveira (2007) denomina como *Cultura de conversa*, o qual se tem uma relação de ensino-aprendizagem entre os carpinteiros locais no ato da aprendizagem/ensinamento das técnicas necessárias para a construção de barcos, feitas por meio de conversas uns com os outros, o que corrobora para maior partilha desses saberes entre os sujeitos envolvidos. Gualberto (2009, p. 48) enfatiza que

além da conversa e “vê” o que o outro faz, da observação do mais novo naquilo que o mais velho desenvolve no ofício, seja no reparo de uma embarcação ou no debate realizado entre as categorias de trabalhadores (carpinteiros e pescadores) são formas de aprendizado que se fazem presentes nessa escola. Quando se refere que esse espaço é um Liceu natural a céu aberto, diz-se assim, por não ter muros e delimitações espaciais, nem regras institucionais de uma escola regular.

A relação de ensino-aprendizagem não se restringe aos espaços formais, uma vez que ela é observada no estaleiro em questão, quando os carpinteiros observam e, posteriormente, colocam em prática aquela técnica, como Seu Mota confirma em sua entrevista, cujo aprendeu com seu amigo enquanto trabalhava em uma olaria⁴:

Isabela: E o senhor ter nascido lá tem alguma relação com o que o senhor exerce hoje, de construir barcos?

Seu Mota: Não, como eu estou falando, eu aprendi aqui. Quando eu trabalhava lá, era olarieiro, eu trabalhava com olaria. Fabricava tijolo. Depois que eu me mudei para a Abaetetuba, que eu vim exercer essa profissão.

(...)

Isabela: O senhor lembra de quando o senhor construiu o seu primeiro barco?
Seu Mota: Ah, não, isso já faz muito tempo. Mas eu me lembro, sim, o primeiro... A gente não construiu, a gente remontou, né? Chamava-se Paulo Roberto, de um senhor que chamava Jacir, que viajava para a Amazônia. Inclusive, foi o meu primeiro serviço que eu fiz com esse cidadão lá na beira, que se chama Paulo. Foi a primeira vez que eu fui trabalhar. Nunca tinha trabalhado em embarcação, não sabia. De lá, eu trabalhei quatro meses com ele nesse barco. E quando parou o serviço do barco, eu caí na beirada fazendo por minha conta. O pessoal tirava o chapéu para mim, para ver a minha

³ Ferramenta utilizada pelos carpinteiros para nivelar e aplinar as superfícies da madeira.

⁴ Local onde é produzido tijolo cerâmico para venda, dispersos, geralmente, em áreas ribeirinhas.

habilidade de trabalhar. Porque tem gente que está anos e anos e não tem uma habilidade boa (Silva, Jesus Belo da, 2024).

Assim, o interlocutor declara que ele aprendeu observando e, depois, colocou o que observou em prática, em que as suas técnicas de construção foram se aperfeiçoando ao longo de seus anos de experiência. Isso corrobora com a ideia de Carlos Brandão (1986), em que aborda sobre as diferentes situações em que a educação está inserida, a exemplo da educação popular, que

não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do saber compartido cria a experiência do poder compartilhado (Brandão, 1986, p. 48).

A educação institucionalizada é uma invenção tardia da sociedade humana, visto que, em diferentes locais, cada grupo social tem sua própria educação baseada em sua cultura, com suas singularidades, preceitos e valores (Brandão, 1986, p. 12). A prática pedagógica é observada no estaleiro em questão, por exemplo, o qual “os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem” (Brandão, 1986, p. 12). Essas práticas de ensino-aprendizagem são denominadas como educação popular, práticas essas presentes durante o ensino de como se constroem as embarcações. Nesse ínterim, os mestres carpinteiros atuam como professores, visto que ensinam aos demais as técnicas necessárias para construir embarcações. Contudo, nenhum dos interlocutores aqui analisados têm uma formação nesse ramo, o que é similar à ideia de Nonato (2021), que enfatiza

os trabalhadores desses espaços são conhecidos e autodenominados “carpinteiros navais” “Mestres” ou “artesãos navais”, mas não possuem nenhuma formação técnica ou acadêmica no ramo; alguns, nunca frequentaram a escola primária, técnica ou academia universitária; uma minoria dos mestres e carpinteiros possui, somente, o ensino fundamental, ou, ainda, só frequentou a escola nos anos iniciais (Nonato, 2021, p. 62).

Muitas das práticas observadas são comunitárias, o qual são incorporadas e partilhadas, em que são caracterizadas por serem tradicionais, isto é, não têm cunho científico (Brandão, 1986, p. 18). Além disso, Brandão (2007, p. 40) desenvolve a ideia da educação dividida em dois setores, os ofícios e as escolas – o qual seriam da classe subalterna e dominante, respectivamente. Assim, o presente artigo irá se ater à educação pertinente nesses ofícios, os

quais são consideradas informais e repassadas através dos indivíduos inseridos por gerações, essencialmente de forma oral e pela memória dos sujeitos, conforme Éder da Silveira (2007, p. 41) cujo enfatiza que

A história oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade.

Analizar a história oral é imprescindível durante o trajeto da pesquisa, uma vez que ela é o princípio desse conhecimento, o que abre margem para diferentes interpretações, a partir das diferentes visões dos carpinteiros, marcadas pela subjetividade. Desse modo, a oralidade está presente em todo o processo que permeia o estaleiro em questão, pois ele funciona baseado nas conversas.

CULTURA DE CONVERSA: O ESTALEIRO MONTEIRO

O estaleiro Monteiro é responsável pela construção e/ou reparos de embarcações, especialmente aquelas destinadas à atividade pesqueira. Localizada no município de Abaetetuba-PA, o local é um dos poucos estaleiros que continuam em vigor, mesmo após quase 30 anos de sua construção, uma vez que, decorrente de diferentes problemas, muitos dos estaleiros que existiam na cidade acabaram por fechar. Dessa forma, a presença de estaleiros na cidade se faz importante, visto que ela é banhada pelo Rio Maratauira, bem como são presentes na cidade diferentes outros subafluentes, como o Rio Abaeté e Pirocaba. Assim, as embarcações são imprescindíveis não somente no transporte dos moradores, bem como na movimentação da economia da cidade, isso porque ela é considerada como o quinto maior polo pesqueiro do Pará, especialmente com a produção e venda em grande escala de peixe e camarão, segundo o site oficial da Prefeitura de Abaetetuba (2024). Desse modo, as imagens abaixo mostram o “esqueleto do barco” – denominado como braçame (Monteiro, 2024) – e um barco já finalizado.

III Seminário Internacional da Rede de Pesquisa em Acervos e Patrimônio Cultural

Cultura Material entre evidências e memórias
Universidade de Passo Fundo
26, 27 e 28 de setembro de 2024

Imagen 2 – Braçame de uma embarcação



Imagen 3 – Barco amazônico



Fonte: Arquivo pessoal de Isabela Monteiro, 2024.

O estaleiro foi fundado em 1994, pelo patriarca da família Monteiro – Nilton Monteiro⁵ – e hoje o negócio perpetua através da administração de seu filho mais jovem Isaac Monteiro, popularmente conhecido no ramo da carpintaria naval⁶ como Curió.⁷ Seu Nilton conta que ele aprendeu o ofício de construir embarcações observando um amigo e, posteriormente, colocou esses saberes em prática, o qual foi se aperfeiçoando ao longo do tempo. Antônio Jorge Gualberto (2009) denomina esses conhecimentos como informais, visto que não têm base científica e são repassadas de geração em geração, conforme a entrevista de Curió:

Isabela: Com quem foi que o senhor aprendeu essa arte de fazer barcos?
Isaac: Meu pai, seu Nilton e meu irmão do meio.

⁵ Nilton Botelho Monteiro tem 72 anos e é o patriarca da família Monteiro, sendo avô desta pesquisadora. Ele foi o precursor do estaleiro Monteiro e é intitulado, atualmente, como um dos mestres da carpintaria naval em Abaetetuba, pois já ensinou o ofício para muitas pessoas. O interlocutor permitiu o uso de seu nome.

⁶ Ofício de construir/reparar embarcações. Pode ser feita de maneira industrial ou predominantemente artesanal, que é a qual o artigo desenvolve.

⁷ Isaac Pinheiro Monteiro, conhecimento popularmente no ramo da carpintaria como Curió, tem 43 anos e é o atual chefe e responsável pelo estaleiro Monteiro, sendo intitulado, atualmente, também como chefe, visto que, desde que assumiu o estaleiro, já ensinou esse ofício para muitos aprendizes que hoje tornaram-se carpinteiros. O interlocutor permitiu o uso de seu nome.

III Seminário Internacional da Rede de Pesquisa em Acervos e Patrimônio Cultural

Cultura Material entre evidências e memórias
Universidade de Passo Fundo
26, 27 e 28 de setembro de 2024

(...)

Isabela: E o senhor se considera um mestre?

Isaac: Sim, porque eu sei fazer de tudo, numa embarcação.

Isabela: E o senhor já ensinou para outras pessoas? Pra quantas pessoas, você não sabe, em média, quantas?

Isaac: Sim, pra três ou quatro.

Isabela: E são da sua família ou não?

Isaac: É sim (Monteiro, Isaac Pinheiro, 2024).

As imagens a seguir, estão os mestres Nilton e Curió respectivamente, ambos responsáveis pelo estaleiro em questão, em que são considerados mestres pelo fato de serem carpinteiros navais mais velhos e, consequentemente, mais experientes, sendo os responsáveis por partilhar seus saberes com os demais.

Imagen 4 – Mestre Nilton



Imagen 5 – Mestre Curió



Fonte: Arquivo pessoal de Isabela Monteiro, 2024.

Tendo por base suas entrevistas, se observa como os carpinteiros navais aprendem o ofício da carpintaria por conversas com aqueles que já dominam essas técnicas. Ivanilde Oliveira (2007) enfatiza que a *cultura de conversa* se denomina como a relação de ensino-aprendizagem, observação e debate, porém não focados na educação exercida dentro do ambiente escolar, mas considerando as educações que vão além das instituições de ensino,

especificamente, nas comunidades tradicionais, como é o caso aqui retratado – especialmente a entrevista acima, visto que Curió se intitula como mestre⁸ por já ter ensinado outros aprendizes que, posteriormente, tornaram-se carpinteiros. Diante disso, essa cultura é um tipo de educação amazônica que remete à transmissão oral dos saberes que compõem a construção da embarcação presentes no estaleiro em questão, visto que os carpinteiros navais aprendem o ramo da carpintaria através de conversas com seus mestres – carpinteiros navais mais experientes, cujos têm a responsabilidade de repassar seus conhecimentos às futuras gerações – e repassam esse conhecimento, também, por intermédio da conversa, o qual é mesclado a teoria e prática, em que esta faz com que o trabalhador possa aperfeiçoar suas técnicas ao decorrer do tempo.

De acordo com Edward Thompson (1992),

Em diferentes contextos sociais, independentemente dos fatores, a evidência oral vem ganhando mais força no campo da pesquisa historiográfica, uma vez que ela fornece detalhes antes não vistos e pesquisados sobre determinada circunstância.

Baseado no raciocínio do autor, a oralidade é importante justamente pelo fato de fornecer detalhes, além da subjetividade presente entre os interlocutores, cujos podem permitir conhecer e estudar experiências e saberes que antes eram banalizados. A exemplo disso, as técnicas utilizadas pelos carpinteiros navais no estaleiro Monteiro – técnicas que não se restringem somente a esse estaleiro – podem ser analisadas de forma aprofundada por intermédio de entrevistas com os próprios trabalhadores, em que contam, de forma detalhada geralmente, desde o momento em que foi inserido nesse ofício, além de seu ponto de vista e suas perspectivas acerca desse objeto. Assim, parafraseando o texto de Isabel Lucena (2004), a autora desenvolve sobre esses saberes tradicionais em diálogo com os saberes matemáticos, visto que, durante esse aprendizado e a aplicação dessas técnicas, os carpinteiros navais utilizam diferentes áreas do conhecimento. Assim, a autora enfatiza que “como pessoas que aprenderam com a prática, com um conhecimento perpassado de geração a geração pela oralidade e pela observação” (Lucena, 2004, p. 88).

Dentro do estaleiro, no grupo social instaurado ali tem-se uma divisão social das tarefas necessárias para pleno funcionamento do estaleiro. Assim, os trabalhadores são divididos entre

⁸ Carpinteiros mais velhos e experientes, responsáveis por ensinar às futuras gerações como se constroem as embarcações (Nonato *et al.*, 2021).

mestres, carpinteiros navais e aprendizes – apresentados em ordem decrescente em relação ao seu destaque. Nesse ínterim, o mestre é o carpinteiro mais experiente do local, sendo responsável por ensinar os demais o ramo da carpintaria naval. O carpinteiro naval é um trabalhador já experiente e, por fim, o aprendiz é um indivíduo mais novo que ainda está aprendendo a exercer esse ofício. Assim, os três carpinteiros analisados no presente artigo são vistos como mestres, uma vez que estes ensinam os demais sobre o ofício da carpintaria, conforme a entrevista de Seu Nilton:

Isabela: O senhor ensinou esse ofício para outras pessoas ou o senhor já pegava pessoas com experiência?

Seu Nilton: Já ensinamos muitas pessoas, várias pessoas já trabalharam lá. Mais de 10 carpinteiros aprenderam trabalhando lá. A gente ensinando, lutando assim, mais de 10. Carpinteiro hoje em dia trabalham porque aprenderam lá, né (Monteiro, Nilton Botelho, 2024).

Outro fator importante a ser destacado é a adaptação desses saberes partilhados ao longo de gerações por intermédio da oralidade e da memória dos interlocutores, porque podem ser alterados de acordo com a necessidade, técnicas e/ou contexto do carpinteiro inserido, visto que cada estaleiro – e seus respectivos trabalhadores – têm realidades diferentes. Carlos Rodrigues Brandão (2007) enfatiza que

a educação é uma prática social cujo fim é o desenvolvimento do que pode ser aprendido/aperfeiçoado para formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências da sociedade em que está inserido (Brandão, 2007, p. 33).

Assim, os carpinteiros podem adaptar suas técnicas de acordo com a necessidade, visto que esses saberes também dependem, essencialmente, da memória. De acordo com Lucilia Delgado (2003, p. 17) ressalta que o conceito de memória não é homogêneo, visto que seus significados podem variar de acordo com o grupo social e a cultura, por exemplo. Desse modo, Delgado (2003, p. 21-22) destaca sobre a importância dessas narrativas – cujas podem ser adaptadas e alteradas – para estudar o cotidiano desses trabalhadores de forma mais detalhada e profunda, uma vez que

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as

reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integram a cultura de diferentes comunidades (Delgado, 2003, p. 21-22).

Os saberes tradicionais presentes entre os carpinteiros, os quais são necessários para a construção de barcos, são considerados o que Luciane Salorte (2010, p. 39) chama de “história invisível”, pois suas histórias e ensinamentos advém exclusivamente da memória e da oralidade, o qual dependem, exclusivamente, dos mais velhos para que esses aprendizados possam perpetuar através das futuras gerações.

Os carpinteiros navais do estaleiro Monteiro contam em suas entrevistas que não têm uma educação formalizada para a construção de barcos, eles aprenderam com seus amigos e/ou parentes. Outrossim, eles também destacam que muitos só terminaram o segundo grau⁹ e alguns nem chegaram a ir para as escolas, como é o caso de Seu Mota¹⁰, que se intitula como analfabeto por não saber ler, nem escrever. Contudo, Curió o apresenta como o melhor e principal carpinteiro do negócio, o que corrobora com a ideia da educação não se limitar, apenas, aos espaços escolares. Assim, Seu Mota relata que “nasceu” para esse ramo, o qual aprendeu com um amigo apenas observando e, posteriormente, colocou aquele conhecimento adquirido em prática, como conta em sua entrevista:

Isabela: O senhor lembra com quem foi que o senhor aprendeu lá na beira¹¹?
Foi com um amigo?

Seu Mota: Não, foi um cara lá chamado Paulo, ele até morreu. Filho do finado Biduca, o nome dele era Paulo. Aí eu comecei a trabalhar com ele lá. Eu trabalhei três meses com ele. Três meses eu saí, trabalhando por minha conta.

Isabela: O senhor estudou, fez alguma especialização nesse ramo?

Seu Mota: Não, não.

(...)

Isabela: E o senhor estudou até que etapa?

Seu Mota: Sou analfabeto, não estudei. (Belo, Jesus da Silva).

Partindo desse pressuposto, podemos observar como os carpinteiros até aqui analisados não fizeram algum tipo de curso ou especialização no ramo da carpintaria naval. Porém, hoje

⁹ Hoje chamado de Ensino Médio.

¹⁰ Jesus Belo da Silva tem 63 anos e é um dos carpinteiros do estaleiro Monteiro, sendo um dos mais velhos e considerado por Curió como o melhor trabalhador do local. O interlocutor permitiu o uso de seu nome.

¹¹ O comércio de Abaetetuba é chamado dessa forma por estar localizado às margens do Rio Maratauira.

são considerados mestres desse ofício, por ensinar jovens aprendizes a como construir embarcações, repassando seus conhecimentos da mesma forma em que foi aprendido, pela oralidade e memória, bem como pela observação e prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura de conversa observada no estaleiro Monteiro, em Abaetetuba-PA, se estabelece como uma das muitas formas de educação, o qual a relação de ensino-aprendizagem tem suas particularidades em decorrência dos saberes tradicionais que são repassados através de gerações, por intermédio da oralidade e memória dos mais velhos, fatores imprescindíveis para que esse conhecimento perpetue ao longo dos anos. Outrossim, esse fator abre espaço para que ela se diversifique, uma vez que os trabalhadores podem adaptar as técnicas de construção de acordo com sua realidade e necessidade.

Por meio das entrevistas, podemos perceber que, mesmo que eles não tenham cursado nada relacionado à engenharia naval ou semelhantes, os interlocutores aqui analisados conseguem construir grandes barcos com maestrias, geralmente, sem auxílio de outra pessoa. Desse modo, eles aprendem o ofício da carpintaria naval com seus familiares e/ou amigos, pela observação e, posteriormente, colocam em prática as técnicas que lhes foram ensinadas, cujas vão se aperfeiçoando com o passar dos anos, através da experiência adquirida.

Portanto, existem diferentes formas de educação existentes, cujas se adaptam de acordo com a comunidade social e a sua cultura, estabelecendo singularidades, a exemplo do estaleiro mencionado. Assim, tem-se a necessidade de valorizar e proteger esses conhecimentos que permeiam os estaleiros tradicionais – por utilizar o trabalho artesanal –, visto que eles se estabelecem como uma parte da cultura amazônica que reflete sobre como a educação não se restringe às escolas, abrindo espaço para debates sobre a importância do etnoconhecimento.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação Popular*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/4211>. Acesso em 17 de outubro de 2024.

_____. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DA SILVA, Francisco José Oliveira; DO CANTO LOPES, Paulo Roberto. *Saberes de mestres carpinteiros navais de Vigia, no Pará: Patrimônio cultural ameaçado*. Ethnoscientia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology, v. 7, n. 2, p. 64-78, 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. História Oral, 6, 2003, p. 9-25.

GUALBERTO, Antônio Jorge Pantoja. *Embarcações, Educação e Saberes Culturais em um Estaleiro Naval da Amazônia*. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2009. Disponível em: https://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2024.

LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. *Etnomatemática: diálogo entre conhecimento matemático e saberes da tradição*. Revista Margens Interdisciplinar, v. 1, n. 2, 2004, p. 85-102.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. *A ORGANIZAÇÃO DO ETNOCONHECIMENTO: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD*. Salvador: VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007.

NÉMETH, Peter Santos. *O feitio da canoa caiçara de um só tronco: a cultura imaterial de uma nação em 25 linhas*. São Paulo: IPHAN, 2011.

NONATO, José Antônio Farias, et al. *Mestres Carpinteiros, um título a caminho da extinção - manifesto sobre a história e crise da carpintaria naval em Abaetetuba/Pará*. 1ª edição, Gurupi, TO: Editora Veloso, 2021.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Cartografia de Saberes: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular*/Org. de Ivanilde Apoluceno de Oliveira e Tânia Regina Lobato dos Santos – Belém: EDUEPA, 2007.

SALORTE, Luciane Maria Legeman. *Carpinteiros dos rios: o saber da construção naval no município de Novo Airão/AM*. 2010.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTES

MONTEIRO, Isaac Pinheiro. 2024. Entrevistas completas em: [9 de mar. de 2024, Isaac.m4a](#); [Isaac.m4a](#)

MONTEIRO, Nilton Pinheiro. 2024. Entrevista completa em: [9 de mar. de 2024, Nilton.m4a](#)

SILVA, Jesus Belo da. 2024. Entrevista completa em: [Seu Mota.unknown](#)

Além disso, as transcrições completas estão disponibilizadas em: [Transcrições das entrevistas](#)